



Jessie Ann Foley

não sou uma
boa garota

Quando tudo está contra você, é hora de fazer algo diferente

Jessie Ann Foley

**não sou uma
boa garota**

TRADUÇÃO
Carlos Szlak

 **FARO
EDITORIAL**

COPYRIGHT © YOU KNOW I'M NO GOOD BY JESSIE ANN FOLEY
COPYRIGHT © 2020 BY JESSIE ANN FOLEY
ORIGINALLY PUBLISHED BY HARPER COLLINS PUBLISHERS
PUBLISHED BY ARRANGEMENT WITH PIPPIN PROPERTIES, INC. THROUGH RIGHTS PEOPLE,
LONDON.
COPYRIGHT © FARO EDITORIAL, 2021

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito do editor.

Diretor editorial **PEDRO ALMEIDA**
Coordenação editorial **CARLA SACRATO**
Preparação **FERNANDA BELO**
Revisão **GABRIELA DE AVILA e BARBARA PARENTE**
Foto de capa **HALAY ALEX | SHUTTERSTOCK**
Capa e projeto gráfico **VANESSA S. MARINE**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Foley, Jessie Ann
Não sou uma boa garota / Jessie Ann Foley ; tradução de
Sarah Oliveira. -- São Paulo : Faro Editorial, 2021.
256 p.

ISBN 978-65-5957-014-0
Título original: You know I am no good

1. Literatura infantojuvenil americana I. Título II.
Oliveira, Sarah

21-2075

CDD 813

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil americana



FARO
EDITORIAL

1ª edição brasileira: 2021

Direitos de edição em língua portuguesa, para o Brasil,
adquiridos por FARO EDITORIAL

Avenida Andrômeda, 885 - Sala 310

Alphaville — Barueri — SP — Brasil

CEP: 06473-000

www.faroeditorial.com.br

1

Meu nome é Mia Dempsey e sou uma adolescente problemática.

O tipo de problemática que transa com qualquer cara em qualquer lugar.

O tipo de problemática que tem uma média de notas de 1,7, em uma escala de 1 a 4.

O tipo de problemática com uma tatuagem caseira de coração na parte de cima do seio esquerdo.

O tipo de problemática que bebe licor na garrafa de água durante a aula.

O tipo de problemática que dá um soco na madrasta.¹

Pelo que eu sei foi essa última questão que me trouxe aqui.

Talvez se tivesse pedido desculpas para a Alanna, eu ainda estaria no meu quarto em casa, cercada pelos meus livros e minhas revistas, meu notebook e meu armário cheio de roupas roubadas, em vez de deitada neste beliche de alumínio, olhando para molas enferrujadas, enquanto, acima de mim, uma garota desconhecida choraminga dormindo.

Mas não sou boa em pedir desculpas.

Para mim, toda vez que tento dizer *sinto muito* ou *eu te amo*, as palavras se dissolvem na minha língua como pastilhas de ácido emocional.

1. Para que fique claro, a verdade é que eu não *soquei* a Alanna. Eu a acertei com meu punho fechado com um pouco mais de força do que pretendia. Eu queria, sei lá, atingir o ombro dela, mas acontece que a Alanna é baixinha — um metro e cinquenta e cinco para o meu um metro e sessenta e oito — e então, em vez do ombro, acertei o rosto. Sim, provavelmente doeu, e sim, o nariz sangrou, meio que muito, mas nada de ossos quebrados ou algo assim.

Porém, em minha defesa, como eu poderia pedir desculpas depois do que Alanna me disse?

Naquele dia, enquanto ela segurava o saco de milho congelado no rosto, com o colo cheio de lenços de papel ensanguentados, meu pai — convocado do trabalho para casa no meio do dia para lidar mais uma vez com outra “crise da Mia” — continuava me perguntando: *Por quê, Mia? Por quê? Por que você fez isso?*

Eu sabia o motivo, e Alanna também, mas não podia contar a ele. Não podia repetir as palavras que saíram da boca dela e que foram o gatilho para o meu murro, porque eu sabia que havia uma chance de ele concordar com aquelas palavras. E se isso acontecesse, eu ficaria tão magoada que não tinha certeza de que conseguiria continuar fingendo que não me importava.

2

“Adolescente problemática.” Que expressão estúpida. Em primeiro lugar, você nunca vai ouvir nenhum ser humano que se preze, entre as idades de treze e dezenove anos, referindo-se a si mesmo como “adolescente”. “Garoto”, “garota”, “pessoa”: tudo bem. “Adolescente”, porém, é uma construção social, uma palavra que nunca deveria ser usada para descrever pessoas reais, mas reservada para todos aqueles produtos não tão infantis, nem tão sofisticados, que os adultos em reuniões de marketing estão sempre tentando nos convencer de que não podemos viver sem: pufes macios e completamente inúteis, capas de celulares brilhantes, prendedores de cabelo com as cores do arco-íris, tops curtos que dizem ser tamanho M, mas na verdade são do tamanho de um *post-it*. Quase tudo com pompons.

E “problemática”? Quando penso nessa palavra me vem à mente alguém sentado em uma biblioteca, olhando para o nada, enquanto coça o queixo pensativamente, refletindo sobre uma equação algébrica difícil — um *problema*. Quem me dera ser problemática. Em vez disso, estou furiosa.

Contra o quê, exatamente, não sei dizer. O mundo, o meu lugar nele e todos que nele habitam? Isso reduz a busca? De qualquer forma, não importa, já que “Academia Red Oak: um internato terapêutico feminino para seres humanos cronicamente putos entre os treze e os dezenove anos” não flui tão naturalmente quanto “Academia Red Oak: um internato terapêutico feminino para *adolescentes problemáticas*”.

Sério, qual é a dos adultos e seus eufemismos? Por que eles têm tanto medo de chamar as coisas pelo que elas realmente são? Por exemplo, por que Alanna fica tão transtornada quando eu chamo

Lauren e Lola de minhas meias-irmãs? *Por que você não pode esquecer o “meias”?*, ela pergunta. *Elas são só suas irmãs.* Mas isso não é verdade. Não quer dizer que eu não ame as gêmeas, mas o fato é que elas saíram da vagina de Alanna, e eu não. Ponto-final.

E por que, desde os meus seis anos, todos os meus professores insistiam em me chamar de “superdotada”? Não sou superdotada. Sou só inteligente. Leio muito e gosto de escrever quase tanto quanto gosto de matar aula para fumar um baseado. E então? O que significa “dotada”, afinal? Como pode ser um dom me sentir entediada na escola o tempo todo, precisar fingir que me atrapalho com palavras como “prodigioso” e “irrelevante” quando me pedem para ler em voz alta, para que os outros alunos não me achem uma esquisita? Sentir como se meu cérebro estivesse sempre funcionando, como se nunca desligasse, como se a única coisa que pudesse acalmá-lo fosse ler um livro, usar uma droga ou transar com um cara?

— Talvez Mia seja problemática *por ser* superdotada.

Essa foi a avaliação brilhante do sr. Cullerton sobre mim quando recebi minha última suspensão.

— Ou talvez seja por causa do que aconteceu com a mãe dela — Alanna disse, porque ela não conseguia se conter.

E esse é o problema. Alanna fica ofendidinha porque não me esqueço do “meias” de “meias-irmãs” quando falo de Lauren e Lola. Contudo, ela nunca me pediu para chamá-la de mãe.² Alanna adora trazer as coisas sobre a minha mãe verdadeira à tona, porque, para ela, isso embrulha tudo em um belo pacotinho. Isso explica por que sou como sou, e se tem uma coisa que os adultos amam, mais ainda do que eufemismos, é o conceito de causa e efeito. Se Alanna e meu pai acreditam que o que aconteceu com minha mãe é a causa, e eu ser uma Adolescente Problemática[®] é o efeito, eles podem evitar duas explicações alternativas: 1) que pessoas como eu nasceram ruins sem razão aparente; ou 2) que sou desse jeito *por causa* deles, por algum erro

2. E é claro que eu não a chamaria mesmo se ela pedisse.

básico de criação. Você não precisa ser superdotado para perceber por que é mais fácil simplesmente jogar a culpa em uma mulher morta e seguir em frente.

**ASSINE NOSSA NEWSLETTER E RECEBA INFORMAÇÕES DE
TODOS OS LANÇAMENTOS**

www.faroeditorial.com.br



Campanha

Há um grande número de pessoas vivendo com HIV e hepatites virais que não se trata.

Gratuito e sigiloso, fazer o teste de HIV e hepatite é mais rápido do que ler um livro.

Faça o teste. Não fique na dúvida!



Esta obra foi impressa
em junho de 2021